

Construções com gerúndio

José Borges Neto
Maria José Foltran
(Universidade Federal do Paraná)

0. Introdução

Este trabalho tem por objetivo estabelecer semelhanças e diferenças entre o português europeu (doravante, PE) e o português do Brasil (doravante, PB), no que diz respeito às construções que envolvem as formas de gerúndio. A abordagem apresentada aqui é, ainda, uma proposta de descrição preliminar.

Nossas observações tomam como base os dados do *corpus* disponibilizado pelos coordenadores do projeto de pesquisa “Português Europeu e Português Brasileiro – unidade e diversidade na passagem do milênio”. É importante constar que os dados se tornam insuficientes para uma abordagem mais efetiva, pois são, predominantemente, amostras de língua escrita. Para o PB, o nosso conhecimento de falantes nativos permite ir além das construções encontradas. Em relação ao PE, no entanto, nos restringimos ao *corpus* e a algumas observações de falantes nativos.

Quando escolhemos o gerúndio como nosso objeto de trabalho, lembramos de imediato das construções progressivas, construções essas que as duas variedades em questão realizam de forma diferente: enquanto o PB usa o gerúndio para expressar um fato no progressivo, o PE usa o infinitivo, como se pode comprovar em (1).

- (1) a. PB – Mas o maior risco disso é a banalização, que é o que está acontecendo. (Entrevista – JB/Domingo, p. 7)
- b. PE – Mas o maior risco disso é a banalização, que é o que está a acontecer.

No entanto, sabemos que o gerúndio no PB é usado em construções diferentes dessas. Torna-se necessário, portanto, analisar as características dessas sentenças, apontando as propriedades sintáticas e semânticas e ver se o PE apresenta construções similares. Isso é o que a primeira parte deste trabalho vai apresentar. Na segunda parte, vamos levantar uma hipótese sobre o papel do gerúndio no PB e no PE, ou seja, em que se diferenciam e em que se sobrepõem as duas variedades e, a seguir, vamos apresentar algumas sugestões para uma abordagem teórica.

1. As construções com gerúndio

1.1. As construções com gerúndio no PB

De início, propomos três tipos de estruturas que apresentam diferentes características sintáticas e semânticas: o progressivo, os predicados secundários e as orações reduzidas. A seguir, vamos nos deter em cada uma delas.

1.1.1. O progressivo

A forma progressiva do português do Brasil se caracteriza tradicionalmente pelo uso do verbo *estar* flexionado mais a forma nominal do verbo principal no gerúndio. Constatamos a ocorrência do progressivo em sentenças de atividade, predominantemente (*estava cantando* ou *estou trabalhando*), podendo ser encontrada, também, em sentenças estativas (*estou sabendo* ou *estamos gostando*). Com exemplos do *corpus*:

- (2) a. ... afinal se você **estiver segurando** um copo quem vai aplaudir? (*Cláudia*, ano 38, nº 6, junho/99, p. 46,47)
 b. ... um pedaço da esquerda brasileira **está namorando** o golpismo eleitoral. (Gaspari, *O Globo*)

O gerúndio pode, também, aparecer com outros auxiliares, gerando perífrases com leituras aspectuais diferentes.

- (3) a. Foi quando **fiquei sabendo** que havia um médico em S. Paulo chamado... (Entrevista, *JB*, Domingo, p.5)
 b. Um punhado de grandes famílias ligadas ao crime, cujos negócios **vão se tornando** legítimos, campeia em meio a um país... (Opinião, *O GLOBO*, 18/08/99)

Wachowicz (2000), apoiada em um *corpus* de língua oral – o Varsul –, considera algumas leituras aspectuais diferentes para o progressivo. Sinaliza para uma análise composicional, mostrando que alguns fatos lingüísticos, como a natureza lexical do verbo, a ação de advérbios de tipos variados e a natureza dos argumentos verbais (sujeito e complementos), condicionam variação na leitura aspectual da forma progressiva. Apresentamos, aqui, alguns exemplos em que se apoia:

- (4) a. Elas **estão** sempre em volta **pedindo** pra eu ler historinhas.
 b. Elas **estão pedindo** pra eu ler historinhas.
 c. O menino **está pedindo** pra eu ler historinhas.

A autora observa que as sentenças (4)a e (4)b apresentam uma diferença de leitura temporal e aspectual em função da expressão adverbial durativa (*sempre em volta*). Na primeira, a localização temporal parece perder relevância, restando apenas a interpretação aspectual da ação repetitiva que se estende indeterminadamente para o passado e para o futuro. Em (4)b, a localização temporal se restringe: passa a ser um intervalo de tempo sobreposto ao momento da fala, com delimitações de início e fim aceitáveis, podendo ainda ter leitura aspectual iterativa. Já entre as sentenças (4)a e (4)c, a mudança do tipo de expressão nominal em posição de sujeito bem como a ausência de advérbios altera claramente a leitura aspectual da sentença. Da iteratividade indeterminada temporalmente de (4)a passa-se a uma possível ambigüidade aspectual de (4)c: o menino pode repetidamente pedir historinhas, combinando com a leitura iterativa de (4)b, ou o menino pode, num evento só, pedir historinhas. Nesta segunda possibilidade de (4)c, o intervalo temporal sobreposto ao momento da fala se restringe ainda mais. A autora observa, ainda, que verbos estativos no progressivo não têm valor iterativo.

Sabemos que essas questões são extremamente relevantes quando se trata de progressivos. Para os propósitos deste trabalho, no entanto, consideramos suficiente a caracterização mais geral da estrutura, o que nos permite classificar os dados e, portanto, não vamos entrar em detalhes nas possibilidades de leitura disponíveis. Dentre as estruturas com gerúndio que propomos, o progressivo é a que não oferece nenhuma dificuldade de classificação. Por isso, contentamo-nos, no momento, com o exposto acima.

1.1.2 Predicados secundários

Predicados secundários se diferenciam de predicados primários em alguns aspectos. Um deles, apontado por Rothstein (1983, 1997), diz respeito a uma condição temática dos predicados secundários: o seu sujeito tem um papel temático atribuído por outro núcleo fora da relação de predicação secundária. As sentenças em (5) exemplificam os dois tipos de predicados secundários: os que são orientados para o sujeito (5)a e os que são orientados para o objeto (5)b.

- (5) a. João chegou cansado.
b. Ele comeu a carne crua.

Nesses casos, a predicação secundária é dada como uma associação de um estado (predicado secundário) a um evento (predicado primário); ou ainda, o predicado secundário e seu sujeito estão numa relação mediada pelo predicado primário. Em Foltran (2000), há uma análise de algumas construções com gerúndio como predicados secundários, observando que, nesses casos, o gerúndio denota um processo ou estado em andamento que coincide ou se sobrepõe ao evento apresentado pelo predicado primário. O predicado secundário denotado pelo gerúndio também

pode estar orientado para o sujeito ou para o objeto. É importante constar que, quando orientado para o sujeito, sua ocorrência é ampla e irrestrita; já o orientado para o objeto ocorre de forma bastante limitada.

Fazendo o levantamento no *corpus* do PB, pudemos comprovar essa observação: a imensa maioria dos dados selecionados apresentam o gerúndio voltado para o sujeito da sentença. Encontramos apenas um caso em que o gerúndio predica o objeto direto. Apresentamos em (6)a um exemplo do gerúndio voltado para o sujeito e, em (6)b, o gerúndio voltado para o objeto.

- (6) a. Ou ela vai deixar a gente passar quase um ano **ouvindo** aquela gritaria?
(Xexéo, *JB*, 29/09/99)
b. Se você vê duas crianças **brincando** de médico, a maioria das pessoas fica chocada. (Entrevista, *JB*, Domingo, p.6)

Essas sentenças se diferenciam das construções progressivas porque o gerúndio não ocorre com nenhum auxiliar. O gerúndio como predicado secundário denota uma eventualidade que se desenvolve no mesmo tempo da eventualidade do predicado primário. Há portanto uma sobreposição dos intervalos de tempo em que se dá uma ou outra.

Propriedades sintáticas vão diferenciar essas estruturas daquelas que estamos chamando de reduzidas¹. A primeira delas diz respeito à pouca ou nenhuma mobilidade da forma de gerúndio nessas sentenças: não é possível antepô-la, por exemplo.

- (7) a. Agora estou ocupada tomando meu Nescafé com leite. (*Cláudia*, no 6, ano 38, junho/99, p. 31)
b. *Tomando meu Nescafé com leite, agora estou ocupada.

- (8) a. ... não vou perder tempo, botando ela no ponto. (*Opinião*, *JB*, 03/10/99).
b. *Botando ela no ponto, não vou perder tempo.

Outra propriedade diz respeito ao fato de que essa forma de gerúndio não pode ser desenvolvida em uma sentença finita. Os exemplos em (9) apontam para essa direção.

- (9) a. ? Agora estou ocupada porque tomo meu Nescafé com leite.
b. *... não vou perder tempo, porque boto ela no ponto.

Essas características já nos permitem separar as construções de predicação secundária das progressivas e das reduzidas.

Já uma sentença como (6)b parece ter uma caráter dúbio: não permite a anteposição, como comprova (10)a, mas pode ser desenvolvida, nos termos da gramática tradicional, que prevê para esse caso uma sentença relativa, como mostra (10)b.

¹ Estamos usando a nomenclatura da gramática tradicional, que designa essas sentenças de "reduzidas de gerúndio".

- (10) a. *Brincando de médico, se você vê duas crianças...
 b. Se você vê duas crianças que brincam de médico...

O gerúndio como predicado secundário orientado para o objeto só aparece com verbos de percepção e essas construções costumam ser tratadas na literatura como “small clauses” complementos. Por apresentar esse comportamento peculiar, achamos mais adequado tratá-las num outro trabalho.

1.1.3. Orações reduzidas de gerúndio

Aqui temos os exemplos que estamos acostumados a encontrar nas nossas gramáticas tradicionais, quando falam das orações subordinadas reduzidas de gerúndio. De modo geral, os nossos gramáticos prevêem que as reduzidas podem ser desenvolvidas por orações subordinadas substantivas, adjetivas ou adverbiais. Apenas as reduzidas de infinitivo podem ser desenvolvidas por subordinadas substantivas. As reduzidas de gerúndio podem ser desenvolvidas por subordinadas adjetivas ou por subordinadas adverbiais. O uso de subordinadas adjetivas no desenvolvimento de reduzidas de gerúndio se restringe aos casos do tipo de (6)b que, como já mencionamos, não serão tratados aqui. Restam-nos, portanto, as reduzidas de gerúndio que se desenvolvem em subordinadas adverbiais. Essas sentenças têm a propriedade de traçar certas circunstâncias que devem ser consideradas na cena representada. Além de poder ser desenvolvida em orações finitas, esse tipo de oração apresenta a mobilidade de um advérbio. É isso que retratamos nos exemplos abaixo.

- (11) a. Havendo dúvidas sobre o tipo de verrugas, procure o dermatologista antes de aplicar Duofilm. (*Cláudia*, ano 38, nº 6, junho/99, p. 147)
 Se houver dúvidas sobre o tipo de verrugas, procure o dermatologista antes de aplicar Duofilm.
 b. ... poderá a Rússia, entrando no terceiro milênio, manter o lugar que lhe cabe no concerto das nações? (*Opinião, O Globo*, 18/08/99)
 ... poderá a Rússia, quando entrar no terceiro milênio, manter o lugar que lhe cabe no concerto das nações?
- (12) a. Pensando bem, nobres deputados, a primeira opção não é tão ruim assim. (*Ventura, JB*, 2/10/99)
 Nobres deputados, pensando bem, a primeira opção não é tão ruim assim.
 Nobres deputados, a primeira opção não é tão ruim assim, pensando bem.
 b. É só soltar as ferinhas na mesa que, brincando, brincando, as minhas ferinhas devoram tudo. (*Cláudia*, ano 38, nº 6, junho/99, p. 32 e 33)
 É só soltar as ferinhas na mesa que elas devoram tudo, brincando, brincando.

É importante constar ainda que essas orações adverbiais apresentam uma autonomia sintática e fonológica. Como se pode ver nos exemplos (11) e (12), as orações com o gerúndio destacam-se no interior do período por uma prosódia peculiar: no início do período (antecedendo a principal), a subordinada é pronunciada com uma elevação de tom no final (cf. (11)a e (12)a); no interior do período, intercalada na principal, ou no final (seguindo a principal) a subordinada é pronunciada num tom mais baixo (cf. (11)b e (12)b).

1.2. As construções com gerúndio no PE

Constatamos que, no caso do progressivo e de outras perífrases verbais que no PB apresentam gerúndio, o PE, na maioria dos dados, vai usar o infinitivo, como sugere (13).

- | | |
|--------------------------|------------------|
| (13) a. estive segurando | Estive a segurar |
| b. está namorando | Está a namorar |

Encontramos apenas um dado que contraria o exposto acima.

- (14) Mas se acredita que é um mal, *fique sabendo* que tem remédio. (*Adolescentes!* n° 14, 3° período, p. 54-59)

Resta-nos confirmar se esse é um caso isolado, ou se é o contexto ou o tipo de verbo (observar que *saber* é um estativo) que exige essa construção.

Com relação aos predicados secundários, não encontramos, no *corpus*, exemplos que poderiam ser classificados como tal. Recorremos, aqui, a alguns falantes nativos. O depoimento dessas pessoas sugere que, pelo menos na variedade de Lisboa, a preferência também será pelo infinitivo. Teríamos, portanto, uma correspondência do seguinte tipo:

- | | |
|--------------------------------------|------------------------------------|
| (15) a. Passou um ano ouvindo... | Passou um ano a ouvir... |
| b. Duas crianças brincando de médico | Duas crianças a brincar de médico |
| c. Ocupada tomando Nescafé | Ocupada a tomar Nescafé |
| d. Pedro trabalha vendendo alimentos | Pedro trabalha a vender alimentos. |

Observe-se que, no caso de (15)d, alguns falantes disseram que a preferência seria por uma outra construção: *O trabalho de Pedro é vender alimentos*. É curioso notar que essa sentença apresenta uma característica diferente das outras. Enquanto as outras apresentam dois eventos ou duas eventualidades (no sentido de Bach (1986)), esta apresenta apenas uma, ou seja, a de *vender*. É diferente, por exemplo, dizer *Ele trabalha cantando*, que denota a eventualidade de cantar enquanto trabalha. Esse pode ser o motivo por que alguns falantes preferiram outra construção.

Deixando de lado essas peculiaridades, podemos concluir, portanto, que o PE vai usar infinitivo para essas construções, enquanto o PB usa o gerúndio.

Finalmente, nas reduzidas de gerúndio encontramos um ponto de confluência: as duas variedades realizam essas construções utilizando o gerúndio. Neste caso, há um número considerável de dados que não deixam dúvidas. (16) apresenta alguns deles.

- (16) a. Limpeza com suavidade do rabinho do bebê, **eliminando** eficazmente a sujeira... (*Pais & Filhos*, n. 105, outubro/1999, p.7).
 b. No Pré-natal, as nossas equipas especializadas, ajudá-la-ão **oferecendo-lhe** todo o apoio profissional que necessite. (*Pais & Filhos*, n. 105, outubro/1999, p. 26-27).
 c. **Seguindo** o crescimento da criança, colocamos uma das nossas alcofas... (*Pais & Filhos*, n. 105, outubro/1999, p. 71)
 d. Em cada novo pneu, as misturas de borracha são otimizadas tanto ao nível de sua composição como da sua colocação, **criando-se** um design sempre novo. (*Visão*, n. 342, setembro/99, p. 131)

Esse é portanto o único ponto em que o PE e o PB se comportam da mesma forma no uso do gerúndio.

2.0 Hipótese para análise

O gerúndio no PB estabelece relações de predicação de diferente natureza. No progressivo, junto com o verbo *estar*, e nas demais perífrases, essa forma encerra a leitura de um evento contínuo com um só intervalo de tempo correspondente ou uma leitura habitual com vários intervalos de tempo (cf. Wachowicz, 2000). O PE, como vimos, não usa o gerúndio nesse contexto. Os exemplos abaixo são do PE.

- (17) a. Há semelhanças óbvias entre Herman SIC e Herman 99. Não estaria a repetir uma fórmula? (*Visão* – n° 369 – p.2)
 b. Isto está a ser conseguido. (*Visão* – n° 369 – p.2)

A princípio, parece que as duas variedades em questão se comportam de maneira uniforme quanto às formas progressivas: o PE usa o infinitivo e o PB usa o gerúndio. No entanto, quando saímos da forma canônica, ou seja, das construções de progressivo com *estar*, encontramos alguns dados que nos chamam a atenção e que carecem de maiores explicações. Estamos falando das perífrases com auxiliares aspectualizadores. No PB, por exemplo, encontramos facilmente as estruturas apresentadas em (18).

- (18) a. Ele começou a reclamar de tudo.
 b. Ele começou reclamando de tudo.

Essas duas estruturas parecem ter interpretações diferentes: (18)a seria usada em situações em que o sujeito começa a fazer reclamações em sequência (várias eventualidades) e (18)b seria usada no caso em que numa dada situação, o evento (único) se inicia com uma reclamação generalizada. O contexto de ocorrência seria diferente para cada caso. Se essa intuição se confirma, como o PE expressa esses significados?

Por outro lado, encontramos no *corpus* do PE sentenças que usam o gerúndio em contexto em que esperaríamos o infinitivo. Estamos nos referindo a exemplos como (19).

- (19) a. Mas se acredita que é um mal, fique sabendo que tem remédio. (*Adolescentes!* – nº 14 – 3º Período – p. 10)

Uma explicação adequada desses fatos requer um levantamento maior de exemplos e uma investigação mais a fundo dessas formas e suas interpretações. Consideramos que esse seria um desdobramento possível deste trabalho.

A forma progressiva inclui obrigatoriamente um auxiliar, o que lhe permite constituir uma oração. Já os predicados secundários e as formas reduzidas não apresentam essa característica e, por isso, estão sempre associados a um outro predicado.

Nas construções de predicação secundária as eventualidades se desenvolvem simultaneamente, tendo o predicado secundário um papel de pano de fundo. Observe-se que a paráfrase de (20)a é (20)b e não (20)c.

- (20) a. Pedro trabalha cantando.
 b. Pedro canta enquanto trabalha.
 c. Pedro trabalha enquanto canta.

O gerúndio, portanto, é uma forma usada no PB para veicular essa sobreposição. O PE, neste caso também, não usa o gerúndio, preferindo o infinitivo ou outro tipo de construção.

As estruturas que estamos classificando como predicados secundários podem, ainda, ser divididas em dois tipos: um tipo que apresenta a relação entre dois eventos que ocorrem simultaneamente e um segundo tipo em que há apenas um evento que é especificado por uma outra forma verbal. Esses dois casos estão, respectivamente, exemplificados em (21)a e (21)b.

- (21) a. O João escreve no computador cantando.
 b. O Pedro trabalha vendendo alimentos.

Em (21)a, temos dois eventos sobrepostos: o evento de o João escrever no computador e o evento de o João cantar. O João faz as duas coisas ao mesmo tempo. Em (21)b, há o evento de vender alimentos que é uma descrição do trabalho

de Pedro, ou seja, o seu trabalho é vender alimentos. Pragmaticamente, seria difícil pensar que o Pedro executa um certo trabalho e, ao mesmo tempo, vende alimentos. Conforme as características da ação descrita pelo segundo verbo, no entanto, a duplicidade de eventos pode ser pensada, gerando uma sentença ambígua, como (22).

(22) O Pedro trabalha cantando.

Podemos interpretar (22) exatamente como interpretamos (21)a (Pedro canta enquanto executa um certo trabalho), ou interpretá-la como (21)b (o trabalho de Pedro é cantar).

Temos, portanto, uma construção que é a expressão de dois eventos e uma construção que apresenta um único evento que é especificado pelo segundo verbo. O caso de (21)b e de uma das leituras de (22), na medida em que apresenta um evento único, não é compatível com a noção de predicado secundário, de forma que temos aí um outro tipo de construção que excluimos dessa classificação.

Recorremos a Bonomi (1997) para propor uma abordagem desses fatos. Com base na lógica fregeana, Bonomi assume que a quantificação pode ser reconstruída como uma relação de segunda ordem, ou seja, uma relação entre conceitos ou, em termos extensionais, entre conjuntos. Apresenta os exemplos em (23) que devem ser associados, respectivamente, às formas lógicas de (24).

(23) a. Every computer is off.
b. Some computer is off.

(24) a. $REL_{EVERY} ([x \text{ is computer}]_R, [x \text{ is off}]_M)$.
b. $REL_{SOME} ([x \text{ is computer}]_R, [x \text{ is off}]_M)$.

Traduzindo REL como relação, R como restritor e M como matriz, REL_{QUANT} está para a relação em questão: '[]_R' (a oração restritiva) especifica a propriedade que identifica o conjunto de objetos e '[]_M' (a oração matriz) especifica a propriedade que é atribuída a esses objetos.

Bonomi assume, ainda, a proposta de Russell de que a relação quantificacional entre o restritor e a matriz pode ser expressa por advérbios temporais e trata as orações introduzidas por quando (*when-clauses*) como orações restritivas dentro do escopo de advérbios de quantificação e o aspecto da sentença seleciona a estrutura de quantificação pretendida.

Ao incorporarmos o tratamento dado por Bonomi, estamos assumindo, também, que toda sentença é uma quantificação sobre eventos (cf. Parsons, 1990). Assim, uma sentença como (21)a seria traduzida da seguinte forma:

(25) $\forall e ([\text{escrever no computador } (e)]_R \rightarrow [\exists e' [\text{cantar } (e')] \wedge \times (e, e')]_M)$

A expressão em (25) diz que para todo o evento de ele estar no computador, há um evento de ele cantar e esses dois se sobrepõem no tempo. Observemos que a forma de gerúndio ocupa a posição de matriz e o outro evento é que exerce a função de restritor.

Já para (21)b, não seria possível usar a mesma forma lógica porque não temos dois eventos e, portanto, não temos como estabelecer a função de restritor e matriz. A forma de gerúndio, nesse caso, é o evento relevante que especifica como o trabalho é exercido. Colocamos nesse mesmo paradigma, os exemplos abaixo.

- (26) a. Agora estou ocupada tomando meu Nescafé com leite. (Cláudia, nº 6, ano 39, junho/99)
 b. ... aplique Vasenol Controle da Celulite todos os dias fazendo massagem. (Cláudia, nº 6, ano 39, junho/99)
 c. ... não vou perder tempo, botando ela no ponto. (Opinião, JB, 03/10/99)

Entendemos que o segundo verbo é a forma de executar a eventualidade expressa pelo primeiro. Não há, portanto, nesses casos, uma seqüência de eventos. Temos apenas um evento especificado.

Nas construções de predicação secundária do PB, o gerúndio teria dupla finalidade: expressar um evento que seria restringido por outro. Existe, ainda, a outra construção que excluímos do predicado secundário, em que o gerúndio especifica um evento dado como amplo. No PE, essa função, quando expressa por uma forma verbal, seria desempenhada pelo infinitivo. Não encontramos exemplos de construções de predicação secundária com gerúndios (ou mesmo com infinitivos) no *corpus* do PE.

Por fim, voltemos às orações reduzidas em que o gerúndio denota uma eventualidade que se desenvolve como causa, condição, conseqüência ou temporalidade de outra eventualidade, podendo ser anterior ou posterior, mas nunca simultânea. Em (27)a, o fato de se evitar o aparecimento de assaduras é obtido a partir (ou em conseqüência) do uso do creme que proporciona ação anti-bacteriana. Em (27)b, o evento de procurar o dermatologista vem como conseqüência da eventualidade de haver dúvidas sobre o tipo de verrugas.

- (27) a. Proporciona uma ação anti-bacteriana, evitando o aparecimento de assaduras. (Pais & Filhos, nº 105, outubro de 1999, p. 141)
 b. Havendo dúvidas sobre o tipo de verruga, procure o dermatologista. (Cláudia, ano 38, nº 6, junho/99, p. 147)

A fórmula lógica em (28) está associada a (27)b, podendo também traduzir (27)a, com devidas alterações.

$$(28) \forall e([\text{haver d\u00fasidas sobre o tipo de verrugas}(e')]]_R \rightarrow [\exists e'[\text{procurar dermatologista}(e')]] \wedge \text{REL}_{\text{causal}}(e, e')]_M)$$

A estrutura em (28) diz que existe um evento que \u00e9 o evento de procurar um dermatologista para todo o e' de haver d\u00fasidas sobre o tipo de verrugas e e e e' est\u00e3o numa rela\u00e7\u00e3o causal. Observemos que, agora, a forma de ger\u00fandio atua como restritor temporal do outro evento, apresentando assim valor de um adv\u00e9rbio, o que explica a mobilidade da ora\u00e7\u00e3o, fato observado em 1.1.3. PE e PB se igualam nesse tipo de constru\u00e7\u00e3o.

3.0 Conclus\u00e3o

No PB, o ger\u00fandio pode indicar uma eventualidade que se desenvolve em rela\u00e7\u00e3o a outra eventualidade como causa, condi\u00e7\u00e3o ou conseq\u00fancia (nas reduzidas); um evento que ocorre simultaneamente ou que constitui um "background" de outro evento (nas predicac\u00f5es secund\u00e1rias); um evento que especifica outro evento mais amplo (como no caso de (21)b); ou ainda como indica\u00e7\u00e3o de dura\u00e7\u00e3o, iteratividade ou habitualidade (no progressivo). No PE o ger\u00fandio indica, preferencialmente, uma eventualidade como causa, condi\u00e7\u00e3o ou conseq\u00fancia de outra, isto \u00e9, como restritor de outra eventualidade. Em outras palavras, no PB o ger\u00fandio pode ocupar a posi\u00e7\u00e3o de matriz ou de restritor, enquanto no PE seu papel can\u00f4nico \u00e9 o de restritor.

Refer\u00eancias bibliogr\u00e1ficas

- BACH, E. The algebra of events. *Linguistics and Philosophy*, Dordrecht, vol. 9, p. 5-16, 1986.
- BONOMI, A. Aspect, quantification and when-clauses in Italian. *Linguistics and Philosophy* 20, Netherlands: Kluwer Academic Publishers, 1997, p. 469-514.
- FOLTRAN, M. J. *Predicados secund\u00e1rios: as constru\u00e7\u00f5es com ger\u00fandio*. Comunica\u00e7\u00e3o apresentada ao XLVIII Semin\u00e1rio do GEL, Assis/SP, 2000.
- PARSONS, T. *Events in the semantics of English*. Cambridge (MA): MIT Press, 1990.
- ROTHSTEIN, S. The syntactic forms of predication. Cambridge (MA), Doctoral Dissertation, MIT, 1983.
- . Predicates and their subjects. Bar-Ilan University, n\u00e3o publicado. 1997.
- WACHOWICZ, Teresa C. *Por uma sem\u00e2ntica de eventos*. Comunica\u00e7\u00e3o apresentada ao XLVIII Semin\u00e1rio do GEL, Assis/SP, 2000.